

TEXTOS BÁSICOS DE LINGUAGEM. DE PLATÃO A FOUCAULT.

Mirna Fernanda de Oliveira¹

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem. De Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

À primeira vista, o livro do professor Danilo Marcondes se propõe a apresentar e comentar os textos ditos básicos das ciências da linguagem. Uma olhada mais cuidadosa permite verificar que o autor alcança seu intuito: organizou em um só volume os textos fundamentais dos estudos da linguagem, organizados por autor e ponto de vista epistemológico. Começando em Platão e chegando até Foucault, o livro apresenta de maneira clara e objetiva as idéias que permeiam os textos desses autores acompanhados de observações de um cientista experiente e desenvolvido. Sua formação, que inclui um doutorado em filosofia e sua experiência de mais de trinta anos no magistério superior, permitem que Danilo Marcondes desenvolva um trabalho abrangente e ao mesmo tempo sucinto, essencial para qualquer estudante de Letras ou de áreas afins.

De maneira didática e muito bem estruturada, a obra apresenta observações e trechos de alguns escritos de dezoito correntes de pensamento. Pela ordem, serão abordados Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Ockham, Descartes, Port-Royal, Locke, Humboldt, Sapir e Whorf, Peirce, Frege, Saussure, Russel, Wittgenstein, Chomsky, Austin, Heidegger e Foucault.

A primeira seção se dedica a **Platão** (428 a.C.). Os textos abordados incluem o *Crátilo*, *Sofista*, *Górgias* e *Fedro*. *Crátilo*

¹ Mirna Fernanda de Oliveira é doutora em Linguística e Língua Portuguesa e docente da área de Língua Inglesa da UNIOESTE/Foz do Iguaçu. Email: mirna.oliveira@gmail.com

discute o problema da convencionalidade do signo, demonstrando uma curiosidade acerca da capacidade das palavras em contribuir para o conhecimento da realidade. Seria a sílaba uma mimese, levando as palavras a serem associadas diretamente com as “coisas”? Segundo Danilo Marcondes, esse texto teria dado origem a toda a filosofia da linguagem. *Sofista*, por sua vez, trata da observação da proposição, do verdadeiro e o falso. Sob a forma de um diálogo entre um estrangeiro e um matemático, Platão discute a proposição (*logos*) surge da combinação do que hoje chamamos sujeito (*nome*) e predicado (*rhema*). Essa combinação, segundo Platão, só é verdadeira quando o proposto ocorre no real e falsa quando essa combinação não ocorre. *Górgias* aborda a questão da retórica; Platão acusa os sofistas de serem meros detentores de uma técnica (*téchne*), utilizada de maneira a persuadir sem levar em conta preceitos morais de nenhuma natureza. Em *Fedro*, coloca-se a questão fundamental da distinção entre escrita e fala e seu lugar no debate e na argumentação.

Na seção de **Aristóteles** (384-322 a.C), são contemplados o *Tratado da interpretação, Retórica, Poética, Política* e *Sobre as partes dos animais*. No primeiro texto, Aristóteles reexamina uma questão abordada no *Crátilo* sobre a proposição, o verdadeiro e o falso, somando-se a elas a linguagem associada à mente. Aqui, o filósofo propõe que o signo seja analisado do ponto de vista da associação do pensamento com a realidade. Na *Retórica*, Aristóteles trata da função comunicacional da linguagem e destaca seu uso como maneira de um ouvinte perceber um discurso guiado por mecanismos de persuasão. Na *Poética*, dá espaço para se discutir a metáfora como uma maneira de adornar a mensagem que visa persuadir. A *Política*, essencialmente, dá à linguagem o papel de entidade social, já que todas as relações do ser humano que vive em sociedade são permeadas pela linguagem. Finalmente, *Sobre as partes dos animais* procura examinar a relação da linguagem com a própria fisiologia humana, lábios e língua, por exemplo.

A seção de número três destaca **Santo Agostinho** (354-430), com referência à *Sobre o Mestre* e *Sobre a doutrina cristã*. Já na transição das idéias gregas para as de origem européia, os textos de Santo Agostinho tratam do lugar da linguagem nos processos de ensinar e aprender, além de enfatizar o caráter arbitrário do signo linguístico, além de outras reflexões que

formariam um arcabouço de discussões sobre metalinguagem, a natureza e o funcionamento da linguagem, entre outros.

A quarta seção é dedicada a Guilherme de **Ockham** (1285-1349) e seu *Summa Totius Logicae*, uma concepção nominalista sobre a natureza do signo. De natureza lógica, o texto de Ockham fala de ontologias e significados enquanto conceitos ou entidades mentais associadas a elas, além de explicar o famoso princípio da chamada *navalha de Ockham*.

Descartes (1596-1650) é o próximo autor. O filósofo apresenta sua preocupação com o método científico, criando terreno para que futuros pensadores como Chomsky organizassem seu modo de pensamento. Em o *Discurso do Método*, *Princípios da Filosofia* e *Carta de Descartes a Mersenne*, respectivamente, o autor aponta a linguagem como indício da racionalidade do homem, a linguagem enquanto possível veiculadora de concepções errôneas das mais distintas naturezas e a descrição de uma idéia de um seu contemporâneo sobre a necessidade de se criar uma “linguagem artificial”.

Em seguida, chega-se ao círculo de pensadores da abadia de **Port-Royal** des Champs, nos arredores de Paris. Em *Lógica ou A Arte de Pensar*, e *Gramática geral e razoada*, apresentam-se respectivamente a linguagem enquanto representativa da realidade e de meio de comunicação, e a confirmação desse fato de aura lógica através da publicação de uma gramática (*Grammaire générale et raisonnée*, 1660), que aponta para a gramática enquanto arte de falar e discussões sobre a natureza das significações.

John **Locke** (1632-1704) é o próximo, com o *Ensaio sobre o entendimento humano* e a *Conduta do entendimento*. De acordo com Marcondes, ele foi o primeiro filósofo da modernidade a divergir da tendência de considerar a linguagem como fonte de erros (pg. 55). Enfatizando a semiótica, o filósofo valoriza o estudos dos signos e do significado, o que já se poderia chamar de filosofia da linguagem.

Humboldt (1765-1835) aparece com *Sobre a diferença de estrutura das línguas humanas*, texto em que “analisou o desenvolvimento interno das línguas levando em conta a influência de fatores externos, dando início ao que se pode considerar o estudo da filologia comparada” (p. 63). Para Humboldt, é de fundamental importância de que se estude a

interface fonética/fonologia e a distribuição dos sons entre os conceitos.

Edward **Sapir** (1884-1939) e Benjamin Lee **Whorf** (1897-1941), mestre e pupilo, ambos americanos e criadores da *Hipótese de Sapir-Whorf*, correlacionam o conhecimento de mundo e o sistema linguístico moldado de acordo com as características de determinada sociedade. Desta forma, um falante organiza suas idéias de acordo com a gramática da língua, que é de fato o que permite que o indivíduo entenda e fale sobre o que o cerca.

Peirce (1839-1914) chega com a pergunta: *O que é um signo?*, recorrendo à pragmática e à distinção clássica entre ícone, índice e símbolo para delinear sua resposta. Suas observações levam à hipótese de que os signos operam de acordo com o objetivo do falante ao se apropriar de determinados elementos para expressar idéias ou qualquer outro fim.

Gottlob **Frege** (1848-1925) aparece com o clássico *Sobre o sentido e a referência*, uma teoria do significado, do sentido, da referência e do valor de verdade. Seus estudos de base originalmente matemática inspiraram a busca da lógica nas definições do que seriam o sentido (*Sinn*) e a referência ou denotação (*Bedeutung*). Com o cuidado de Danilo Marcondes, a explicação para esse texto desafiador esclarece questões logicistas em relação à linguagem.

Ferdinand de **Saussure** (1857-1913) é representado por um trecho do *Curso de Linguística Geral*, em que dá as bases para o estruturalismo e a noção de sistema. O trecho em questão trata da definição do que é língua, a distinção entre *langue* e *parole*, a definição de signo enquanto uma associação entre um conceito e uma imagem acústica e a questão da arbitrariedade do signo, além de definir o conceito de semiologia. Considerado o “pai da Linguística Moderna”, com essa obra Saussure dá as bases para os estudos estruturalistas.

O próximo filósofo é Bertrand **Russell** (1872-1970), no texto *Significado e Verdade*, preocupa-se com a definição de um conceito de *palavra*. Desta forma, examina aspectos contextuais do significado em relação ao seu uso, uma concepção pragmaticamente motivada da análise das significações. De base lógica, também retoma as discussões sobre a natureza da verdade e do falso.

Wittgenstein (1889-1951) e seu *Tractatus logico-philosophicus* aparecem para discutir a natureza das proposições. De acordo com Marcondes, um dos pontos de partida desse trabalho é também encontrada em Frege e Bertrand Russel, o fato de que a forma gramatical e a forma lógica da linguagem não coincidem. Entre outras idéias, o filósofo propõe o isomorfismo entre a linguagem e o real, ou seja, a forma lógica da linguagem corresponde ao modo pelo qual se estrutura a realidade (p. 104).

Noam **Chomsky** (1928-), criador da gramática gerativa transformacional, é aqui representado por um trecho de *Linguagem e Pensamento*, de 1968. Insatisfeito com o behaviorismo, procura outras explicações sobre como a linguagem se desenvolve no ser humano questionando a importância da criatividade humana para gerar sentenças infinitas a partir de um número finito de elementos da língua.

Austin (1911-1960), famoso pelo desenvolvimento do conceito de ato de fala, aqui representado por *Quando dizer é fazer*, surge para dar à pragmática um lugar de destaque nos estudos linguísticos, tomando como ponto de partida a distinção entre constatativos e performativos, ou seja, sentenças usadas para descrever fatos e sentenças usadas para realizar (*perform*) algo em nível extralinguístico.

Heidegger (1889-1976) é o penúltimo teórico apresentado. Em sua *Carta sobre o Humanismo*, observa as relações da religião (cristianismo) com o marxismo e o existencialismo. De acordo com Marcondes, afirma que o homem é o “pastor do Ser”, e que sua relação com o *Ser* se dá sobretudo através da linguagem, entendida como morada do *Ser*, ou seu abrigo (p. 124). Desta forma, a linguagem não seria somente instrumento de comunicação, mas intrinsecamente pertencente ao homem.

Finalmente, Michel **Foucault** (1926-1984) é representado pela *Ordem do discurso* e suas discussões sobre as relações entre linguagem e poder, considerando esse último não apenas como proibição ou coerção, e sim, como produtor de possibilidades de discurso.

Em suma, de maneira didática, acompanhada de questionários e de sugestões de leituras complementares, o livro de Danilo Marcondes de revela de leitura agradável, acessí-

Mirna Fernanda de Oliveira

vel e esclarecedora para qualquer estudante de Letras ou interessados no percurso das idéias que deram origem a ciência Linguística Moderna. A obra ilumina e esclarece.

Enviado em: 22/04/2010 - Aceito em: 19/06/2010